



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA
CAMPUS IV - DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH**

CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

FRANCISCA LUANA ALVES TAVARES

A PERSONAGEM FEMININA DE JOSÉ DE ALENCAR: LEITURA DE *SENHORA*

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2017**

FRANCISCA LUANA ALVES TAVARES

A PERSONAGEM FEMININA DE JOSÉ DE ALENCAR: LEITURA DE *SENHORA*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.
Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Vaneide Lima Silva.

**CATOLÉ DO ROCHA – PB
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

T231p Tavares, Francisca Luana Alves
A personagem feminina de Alencar: leitura de Senhora
[manuscrito] / Francisca Luana Alves Tavares. - 2017.
34 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em LETRAS) -
Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio,
Técnico e Educação à Distância, 2017.

"Orientação: Profa.Dra. Vaneide Lima Silva, Secretária de
Educação à Distância".

1. Perfil feminino 2. Personagens 3. Prosa romântica I.
Título.

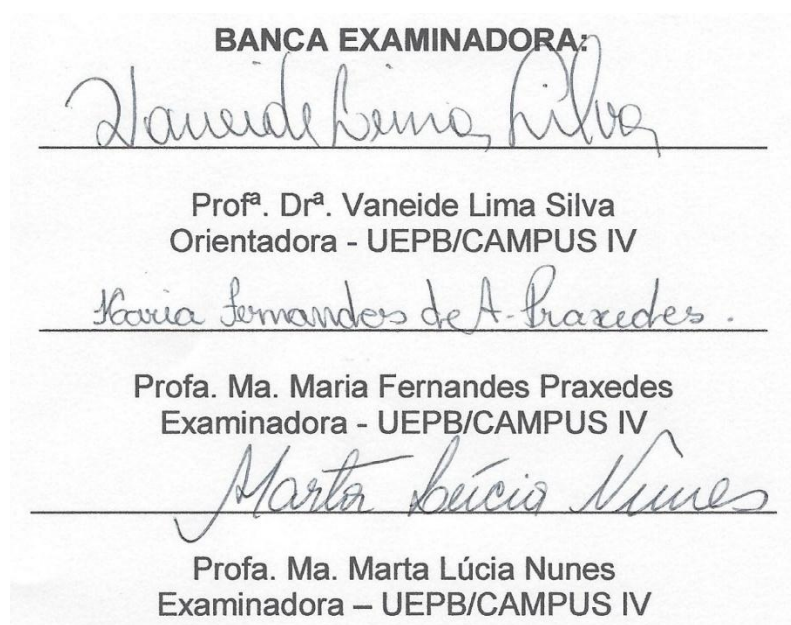
21. ed. CDD B869.33

FRANCISCA LUANA ALVES TAVARES

A PERSONAGEM FEMININA DE JOSÉ DE ALENCAR: LEITURA DE *SENHORA*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vaneide Lima Silva.

APROVADO EM: 10 de agosto de 2017.



Dedico este trabalho a minha filha Julie Emanuele, pois tornou-se minha força para poder superar todas as adversidades.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me proporcionado a realização deste trabalho.

À professora Vaneide Lima Silva agradeço, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação, pois sem elas eu jamais teria conseguido concluir esse trabalho.

Ao meu pai Francinaldo do Nascimento Tavares, a minha avó Arlinda Euvira do Nascimento, pela compreensão por minha ausência nas reuniões familiares e pelo apoio dado a mim todas as vezes que precisei.

A minha mãe Belsa Bety Alves Tavares por todo apoio dado a mim e por toda paciência em todos os momentos da minha vida.

Aos professores do Curso de Licenciatura plena em Letras da UEPB, em especial, Eliene Alves Fernandes, Maria Fernandes de Andrade Praxedes, Benedita Ferreira Arnaud, Mauriene Freitas, Rômulo Lima, Aparecida Calado, Carolina Coelli, Marta Lúcia, Andréia Büller que contribuíram ao longo desses anos para minha formação, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, em especial a Francisco Bezerra Neto, pela presteza e atendimento quando nos foi preciso.

A minha amiga e colega de curso Ana Paula Oliveira, pelos momentos de amizade e apoio.

Enfim, agradeço as minhas colegas de turma por todos os momentos bons que passamos juntas. Termino agradecendo de forma geral a todos aqueles que estiveram presentes em minha vida durante essa longa jornada.

“Seres apaixonados e, em luta contra uma sociedade injusta, saturada de preconceitos e interesses materiais, os heróis românticos não abdicam nunca do direito de serem felizes pela realização do seu amor; há neles perfeita consciência da fatalidade que espiritualmente os uniu, sentem o absurdo da vida que os leva a experimentar as maiores vicissitudes e os maiores sofrimentos, enfrentam e vencem todas as provações, mas não cedem nunca do objetivo que lhes indicou o destino – força superior e exterior aos homens, divindade a cujo império ninguém pode fugir. E quando é de todo impossível resistir, quando a conjuração dos preconceitos de casta ou dos interesses familiares é materialmente mais forte, a união entre os dois se realiza pela morte, cuja ideia atravessa todo o processo de existência.”

(Afrânio Coutinho, 1999)

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise crítica sobre a personagem Aurélia Camargo personagem do romance *Senhora* (1875), de José de Alencar, que pertence à trilogia *Perfis Femininos* juntamente com *Lucíola* e *Diva*. Para compreender este contexto, aborda-se conceitos de Literatura, personagens, bem como prosa romântica Brasileira, no período romântico. Conceitos embasados em nomes como: Antonio Candido (2009), Beth Brait (1999) e Alfredo Bosi (1994). Faz-se uma análise do personagem esférico e complexo encontrado na personagem Aurélia. Nota-se uma presença feminina marcante buscando o que é seu por direito, seu espaço e realizando grandes renúncias, para almejar a liberdade e independência, construindo-se psicologicamente. Busca-se nesta leitura, fatores determinantes de uma época, que comprovem uma sociedade em construção. Valoriza-se, também, aspectos de construção de uma personagem, considerando estes importantes para o estudo de textos literários.

Palavras-chave: Perfil Feminino. Personagens. Prosa Romântica.

ABSTRACT

This work proposes a critical analysis on the character Aurelia Camargo, presented in the work of José de Alencar - *Senhora* (1875) that belongs to the trilogy Women 's Profiles. To understand this context, concepts of Literature, characters, as well as Brazilian romantic prose, in the romantic period are approached. Concepts based on names such as: Antonio Candido (2009), Beth Brait (1999) and Alfredo Bosi (1994). A deep analysis of the spherical and complex character found in the character Aurélia Camargo is made. It is noteworthy the striking feminine presence seeking what is its right, its space and realizing great renunciations, to aim for freedom and independence, building itself psychologically. It seeks in this reading, determining factors of an era, that prove a society under construction. We also value aspects of the construction of a character, considering these important for the study of literary texts.

Keywords:Female Profile. Characters . Romantic Prose.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 O ROMANTISMO BRASILEIRO E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS	11
1.1 A PROSA ROMÂNTICA BRASILEIRA	13
1.2 JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR	13
1.3 SOBRE O ESTILO DE ESCRITA DE JOSÉ DE ALENCAR	14
1.4 NARRATIVAS DE JOSÉ DE ALENCAR: GOSTO PELOS PERFS FEMININOS	17
2 O PAPEL DA MULHER NO SÉCULO XIX	18
2.1 DETALHANDO O ENREDO DO ROMANCE <i>SENHORA</i>	19
3 O PERFIL FEMININO DE ALENCAR: ANALISANDO AURÉLIA	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objeto de análise a personagem Aurélia Camargo, uma das personagens femininas de José de Alencar, que protagoniza um de seus romances urbanos do século XIX: *Senhora*, que está inserida na trilogia *Perfis Femininos* do escritor José de Alencar.

O Romantismo foi a escola literária que esteve presente no Brasil desde 1836 a 1881, marcado por grandes características ele se destaca pela subjetividade e idealização da figura feminina. Ressaltamos o fato de que sua temática central é o amor, ou seja, uma boa parte das obras românticas tratava de amor, pois essa temática é vinculada a outras para assim determinar o destino das personagens em suas realizações amorosas.

Os heróis e heroínas românticos lutavam contra as imposições da sociedade vigente daquela época e tentavam fugir das temáticas do casamento por interesse, como na obra *Senhora*.

Mesmo diante de todas as peculiaridades do movimento romântico brasileiro e de seu público leitor que em meio à época não era tão vasto, pois só quem tinha acesso à leitura eram os que detinham um poder aquisitivo maior.

Afirmamos que a obra *Senhora* trata a temática do amor de uma forma diferente. Aurélia Camargo, que é a personagem principal da obra age movida pelo amor que sente por seu amado Fernando. Esse amor é evidenciado por cada atitude, por cada palavra e por suas motivações mais profundas e íntimas, tornando-a diferente das outras personagens Alencarianas, pois nossa heroína é vista como uma personagem a frente do seu tempo.

Apesar de a sociedade brasileira enaltecer a figura do homem, Alencar foi capaz de buscar vários perfis femininos e adequá-los a época vivida, inclusive o perfil de Aurélia que se mostra um dos perfis mais fortes já escritos por Alencar. Afrânio Coutinho (2002, p.262) nos diz que: “em *Senhora*, que é um dos romances mais bem construídos do autor, realizou Alencar uma boa crítica à educação tradicional e ao casamento por conveniência.”

A figura de Aurélia Camargo no Romance traz uma contestação aos perfis femininos da época, ela é apresentada como uma mulher totalmente contrária aos estereótipos das mulheres do século XIX. Aurélia, sem dúvida, é uma mulher a

frente de seu tempo, pois não foi a mulher submissa que a sociedade esperava, é uma mulher dona de si, de uma beleza estonteante, sedutora quando necessário, decidida, muito parecida com a maioria das mulheres do século XXI.

Verificamos ainda que a obra possibilita uma análise profunda de temas considerados delicados para o contexto social vivenciado pela sociedade da época, inclusive o casamento por interesse, que já era bem comum entre a sociedade burguesa vigente daquele século.

Nas palavras de Carla Festinalli Rodrigues (2010), é possível reafirmarmos que a personagem Aurélia quebra todos esses paradigmas impostos pela sociedade vigente da época. Vejamos:

O Romance *Senhora*, aborda a temática do casamento por interesse e traz uma clara crítica ao modelo de relações comerciais e familiares vigente. A protagonista Aurélia, ao conseguir uma posição financeira e social, mostra-se mais forte e independente frente aos paradigmas sociais ao escolher o seu marido e pagar o maior dote para consegui-lo.

Diante disso, a obra *Senhora* foi por nós escolhida para o presente trabalho, pois Aurélia representa e ilustra a literatura brasileira de transição, pois foi ela, Aurélia, “A estrela que raiou no céu fluminense” que embasa toda a análise que foi posta em prática no decorrer desse estudo.

O estudo está centrado em pesquisas bibliográficas, caracterizando-se, assim, como um estudo de crítica literária de base bibliográfica, e o corpo desse trabalho está organizado da seguinte maneira: no primeiro momento, serão retomadas algumas informações sobre o Romantismo e seus aspectos relacionados ao autor e sua obra a partir de estudos como o de Coutinho (1999) e Bosi (1994); No segundo momento consideramos pertinente trazer uma reflexão sobre a construção do personagem enquanto elemento importante na estrutura da narrativa.

Para tanto, o apoio de estudos como o de Candido (1971 e 2004) e Brait (1999) foi fundamental, para, no terceiro momento, procedermos à análise de Aurélia, evidenciando e caracterizando seu perfil. Dando por fim a conclusão final sobre essa personagem tão marcante.

1 O ROMANTISMO BRASILEIRO E SUAS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

O período compreendido entre 1808 e 1836 é considerado de transição na literatura brasileira devido à chegada da corte portuguesa às terras brasileiras. Que trouxe consigo, além da realeza, as novidades e modelos literários do Velho Continente nos moldes europeus. Houve também a mudança de foco artístico, da Bahia para o Rio de Janeiro, capital da colônia desde o ano de 1763.

Segundo Candido (2004) essa vinda da família real para o Rio de Janeiro possibilitou um desenvolvimento na área do conhecimento, na cultura, pois foram muitas as melhorias, à exemplo, a implantação da Academia de Belas Artes, com a criação de Universidades, Jornais e isso foi muito importante para propagar a nossa literatura:

A chegada da Corte Portuguesa; a abertura dos portos às nações amigas ocorrida em 1808/1821; o Rio de Janeiro, sede do Governo como centro literário e artístico em resultado da criação da Imprensa Régia, a Academia Real de Belas-artes, com escolas de nível superior, a Biblioteca Real que possibilitou a atividade editorial e de outras tantas melhorias.

Com a implantação da imprensa nasce o desejo de criação de uma literatura própria, com uma identidade própria, de uma literatura brasileira autêntica, verdadeiramente brasileira, abandonando a “imitação portuguesa”, o chamado Lusitanismo.

Para Coutinho (2005), a palavra Romantismo surgiu nas primeiras décadas do século XIX nos muitos países da Europa e particularmente na França. Em 1825 aparece em Portugal a palavra romântico, postulada por Garret em “Camões”. Esse termo foi empregado e logo aceito no Brasil.

Logo, se desenvolvendo primeiro na Europa e chegando à América, o Romantismo se finca no Brasil em 1836, quando Gonçalves Magalhães lançou os seus *Suspiros Poéticos e Saudades*, livro de poemas que para muitos foi considerado o primeiro livro da literatura romântica.

Os escritores românticos retrataram em suas obras o nacionalismo, o drama humano, amores trágicos, ideais utópicas e desejos, a idealização e o amor.

Pode-se ver ainda que o Romantismo destaca muitos sentimentos e emoções profundas e esses sentimentos são expressos através do poeta ou escritor que

expõe de maneira bela o que sente, evidenciando a melancolia. A idealização, exaltação do “eu”, a exaltação das paixões, dos ideais religiosos, os valores populares, a busca pela igualdade são marcas que caracterizam o romantismo Brasileiro, que possuiu um papel de grande importância para o crescimento da literatura nacional.

Outra marca vista como forte característica do Romantismo foi a mudança da linguagem, pois sofreu algumas mudanças, enquanto escrita rebuscada de lado. Os românticos preferiram uma linguagem mais coloquial, comunicativa e simples. A liberdade de expressão é uma das características mais marcantes do Romantismo e constitui um avanço importante para o desenvolvimento desse movimento.

Identificamos três gerações no Romantismo brasileiro: a primeira, Indianista ou Nacionalista, e seu grande precursor Gonçalves Dias. Nessa geração a figura do índio foi de grande destaque: a figura desse “Herói Nacional” foi reproduzida em várias poesias e até mesmo na prosa romântica. O cenário brasileiro era de grande exuberância, um país tropical que gerou um sentimento de patriotismo. Nesta fase os românticos destacaram as belezas naturais do país, a figura do índio. O amor não possuía tanto destaque nessa geração, mas as mulheres eram consideradas seres inatingíveis, uma figura endeusada que jamais poderia ser alcançada.

A segunda geração romântica é conhecida como Ultra-Romântica e seu nome mais expressivo foi Álvares de Azevedo. Observamos que nesse período há grande contraste em relação à primeira, pois o nacionalismo foi deixado de lado para dar-se a vez as fantasias mórbidas, ao sentimento de pessimismo, de tristezas, da obsessão pela morte. Os escritores viviam em grande subjetividade, emergidos em sonhos e idealizações e isso, muitas vezes, causava-lhes a morte.

Por fim, temos a última geração romântica, a Geração Condoreira. Nesta fase temos o predomínio da poesia social, pois aqui o Brasil já lutava contra a escravidão. O nome Condoreirismo teve sua origem através do pássaro Condor, que é um pássaro que alça grandes e altos vôos. O maior representante dessa geração foi o de Castro Alves, o poeta dos escravos, como era assim chamado.

1.1 A PROSA ROMÂNTICA BRASILEIRA

Para muitos críticos literários a prosa romântica se inicia com a publicação da obra *Filho do pescador*, de Antonio Gonçalves Teixeira, no ano de 1843, mas foi com a obra *A moreninha*, de Joaquim Manuel Macedo que a prosa romântica teve maior destaque.

O intuito dessas publicações era amadurecer o leitor, já que eram poucos, pois era uma pequena parcela da população que detinha o domínio da leitura.

Segundo o crítico literário Antônio Cândido (2005), no livro *Noções de Análise Histórico-literária* diz que o acesso à leitura era de extrema dificuldade. Vejamos:

No Brasil não havia universidades, nem tipografias, nem periódicos. Além da primária, a instrução se limitava à formação de clérigos e ao nível que hoje chamamos secundário, as bibliotecas eram poucas e limitadas aos conventos, o teatro era paupérrimo, e muito fraco o intercâmbio entre os núcleos povoados do país, sendo difícil a entrada de livros.

Foram surgindo daí muitos escritores, entre eles estava José de Alencar, cuja primeira publicação foi o folhetim *Ao Correr da Pena* (1851-1855). A obra *Senhora* só veio a ser publicada anos mais tarde.

Foi com José de Alencar que a prosa romântica teve destaque, ele escreveu diversos tipos de romances, sendo eles, Urbanos, Regionais, Indianistas, e Históricos, onde a mulher teve seu grande papel de destaque.

Na trilogia “Perfis Femininos”, que foi composto pelas obras *Senhora*, *Lucíola* e *Diva*, identifica-se três grandes mulheres. Três personalidades diferentes e cada uma com suas peculiaridades, mas com um propósito comum, o amor e a luta pela sua independência e felicidade. Foi na prosa que ela teve seu merecido reconhecimento, pois foi mostrada como uma heroína, forte, decidida, independente, mas não deixando sua feminilidade.

1.2 JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR

Considerado o pai da prosa romântica, José Martiniano de Alencar nasceu em Mecejana, no estado do Ceará, em 1829, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1877.,

Alencar era Formado em Direito, mas exerceu muito pouco a profissão, vindo a se dedicar à literatura e ao jornalismo.

Seus primeiros romances foram *O Guarani* e *Iracema*, que tornaram-no conhecido como o grande escritor do Romantismo brasileiro. Sendo autor, de romances cheios de trama e belas histórias e que muitas vezes carregavam em si críticas sociais.

José de Alencar se destaca também no teatro e lutou pela literatura do Brasil. Essa conquista, de acordo com Afrânio Coutinho (1976), deu a ele, por merecimento, o título de patriarca da literatura brasileira.

1.3 SOBRE O ESTILO DE ESCRITA DE JOSÉ DE ALENCAR

Da trilogia sobre os perfis femininos, nos interessamos pelo romance *Senhora*, onde percebemos um escritor sensível, cheio de criatividade, imaginação e muito apegado aos detalhes.

Alfredo Bosi (1988) propõe uma divisão tripartite nos romances Alencarianos sendo avaliados de acordo com as seguintes categorias: primeiro romances ligados a peripécias inverossímeis (*A Viuvinha*, *A Pata da Gazela*, *Diva*); segundo, romances que apresentam maior "fôlego descritivo" (*O Sertanejo*, *O Gaúcho*, *O Guarani*); e a terceira modalidade seriam aqueles romances construídos tom mais justo e econômico, a exemplo, *Lucíola* e *Senhora*.

Aurélia, que se encaixa nessa terceira modalidade, se apresenta como uma mulher forte, decidida e independente, mas sem deixar de ser sensível, como podemos verificar no fragmento abaixo:

Toquei com os lábios a raiz daqueles cabelos sedosos que ondulavam com o sopro de minha respiração. Ana teve um estremecimento íntimo; e banhou-se na onda de púrpura que descendo-lhe da fronte, derramou-se pelas espáduas roseando a branca escumilha. (ALENCAR, 2004, p. 107)

O apego ao detalhe se revela na composição da personagem, dando até para imaginar como Aurélia é realmente, uma vez que o escritor descreve toda a cena em seus minuciosos detalhes.

A descrição dos ambientes predomina muito nos romances Alencarianos. A descrição da natureza, dos móveis, dos grandes salões, dos bailes, das roupas, tudo era bem detalhado por Alencar. É como se pudéssemos tocar em tudo, visualizar tudo, pois a descrição nos leva a esses cenários retratados e descritos por ele.

Quando trata-se da descrição dos personagens de suas obras, as descrições ficam ainda mais minuciosas. Aqui ele descreve Aurélia minuciosamente. Vejamos:

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela. Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro. Foi proclamada a rainha dos salões. Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. Era rica e formosa. (ALENCAR, 2004, p.1).

Sua entrada foi como sempre um deslumbramento; todos os olhos voltaram-se para ela (Aurélia); pela numerosa e brilhante sociedade ali reunida passou o frêmito das fortes sensações. Parecia que o baile se ajoelhava para recebê-la com o fervor da adoração. (ALENCAR, 2004, p. 38)

Podemos notar também outra característica de estilo em Alencar: O autor gostava de jogar com a contradição, mostrando comportamentos paradoxais em seus personagens Aurélia era um grande exemplo disso: Uma hora doce, gentil, amável com Fernando; outra rígida, sem sentimentos, disposta a se vingar a todo custo de seu amado, aparentava ser em muitas horas uma mulher sem coração que havia apenas adquirido um objeto, ou melhor, que havia comprado um marido.

Assim, podemos ver que foi Alencar quem chegou mais perto do que o Romantismo propunha, ele misturava a idealização, a subjetividade e o sonho com um realismo, com a crítica, valorizando e destacando, dessa forma, a figura da mulher na sociedade Carioca.

José de Alencar é considerado o maior romancista do Romantismo brasileiro. Ele percorreu todos os estilos, expôs muitas características, mostrou uma grande habilidade para escrever de romances Indianistas, onde sua figura principal foi à natureza, o índio até os romances Urbanos que retratavam a vida na corte, a vida de luxo, de festas, de riquezas.

Conforme já foi afirmado, Alencar escreveu em diversas modalidades: romances urbanos, romances históricos, romances regionalistas e romances indianistas e em cada uma delas criou tramas magníficas, cheias de detalhes e de grandes histórias e acima de tudo de personagens fantásticos, cada um com sua personalidade.

Os romances urbanos são o que mais nos chamam a atenção e é nessa modalidade que nosso objeto de estudo, a obra *Senhora* enquadra-se. Esses romances retratam a vida da alta sociedade carioca com todas as suas fantasias, luxos e o amor dos heróis e heroínas das respectivas obras.

De acordo com Maria Ângela D’Incao (1989, p.234)

O amor é sempre vitorioso: Aurélia, em *Senhora*, vence porque tinha um bom motivo: o amor. O amor nos romances vence, sobretudo o interesse econômico no casamento. No mundo dos livros, os heróis sempre amam.

No geral os romances se passam em meio ao cenário da corte, essas tramas de amor e crítica social vinham denunciar de forma embutida a hipocrisia da sociedade carioca. Fica evidente nesse tipo de romance que Alencar tecia críticas severas à sociedade carioca em relação a sua amoralidade.

Ao lermos os romances urbanos de Alencar, podemos observar que a mulher é a temática predileta, pois é ela a figura principal de boa parte de seus romances urbanos. O interessante é que o século XIX foi marcado pela submissão da mulher, que era criada apenas para ser “dona de casa”, para procriar, para satisfazer seu marido, vivia escondida dentro de sua casa, apenas aprendendo o que era necessário, cozinhar, passar, lavar, outras demais tarefa, ou seja, a mulher vivia em total reclusão.

Estudiosos da obra de Alencar, tais como Candido (1969), Bosi (1994) costumam afirmar que diante da chegada da Família real ao país, as mulheres brasileiras libertaram-se, começaram a aparecer nos salões cariocas, e com Aurélia não foi diferente. Como o próprio autor cita em sua obra, Aurélia era “a mais bela estrela que brilhava no céu fluminense”.

Foi nessas mulheres de personalidade forte que Alencar se inspirou, mulheres a frente de sua época, mulheres independentes, cheias de força, nada débeis, inteligentes e sempre buscando a sua felicidade.

1.4 NARRATIVAS DE JOSÉ DE ALENCAR: GOSTO PELOS PERFIS FEMININOS

A mulher aparece de maneira recorrente na obra de Alencar e alguns críticos como Bosi (1994) afirmam que esse gosto pelas personagens femininas vem da convivência com sua mãe, tias e primas, pois ele tinha em casa um público feminino e a elas ele fazia leituras que as emocionava, isso é uma coisa que o próprio autor afirma em sua autobiografia: *Como e porque sou romancista*. O fato é que ele cria personagens belas, inteligentes e refinadas, mas com perfis diferenciados.

Outro fator citado pelos estudiosos da vida de Alencar é que o autor escrevia direcionado a essas mulheres que em boa parte eram suas leitoras assíduas. Assim, aos poucos, a mulher do século XIX foi despertando o gosto pela leitura e nesse momento depararam-se com as obras de Alencar, que eram voltadas para esse universo feminino.

Na própria obra em estudo podemos perceber que a personagem Aurélia tinha um grande apreço pela leitura e era uma leitora assídua de Shakespeare. Seu hábito pela leitura se justifica quando o narrador declara:

Aurélia não gostava de Byron, embora o admirasse. Seu poeta querido era Shakespeare, em quem achava não o simples cantor, mas o sublime escultor da paixão. Muitas vezes aconteceu-lhe pensar que ela podia ser uma heroína dessa grande epopéia da mulher, escrita pelo imortal poeta. (ALENCAR, 2004, p. 161)

Percebemos que Aurélia possuía um gosto refinado para leitura, podemos ver que a personagem apresentava em si um caráter romântico, apesar de ser uma com um perfil mais rígido e independente, isso não impedia que ela também fosse “mulher”, delicada e doce. Acredita-se que Alencar tentasse formar as mulheres para o casamento, apesar de criar personagens fortes, elas sempre acabavam cedendo ao amor, cedendo ao seu amado, pois para essas mulheres o amor e realização amorosa ainda era o seu ideal.

2 O PAPEL DA MULHER NO SÉCULO XIX

Para percebermos o papel que a nossa personagem Aurélia desempenhava na obra *Senhora*, observaremos agora a trajetória da mulher do século XIX. Como viviam essas mulheres? Quais suas funções na sociedade?

As mulheres eram educadas para o casamento, cuidar da casa, dos filhos, de seus maridos e de todos os afazeres ligados a casa. Segundo Brenes (1991) o lugar escolhido para a mulher foi o lar e a família e suas obrigações como esposa e dona de casa. Sendo reconhecida e valorada apenas por ser esposa e mãe.

A Educação das mulheres se restringia a atividades que fossem úteis no ambiente doméstico, desprovidas de valor no mercado de trabalho da época, Mas com a chegada da corte ao Brasil, as mulheres adquiriram um ar europeu e começaram a frequentar os grandes salões e bailes da sociedade carioca.

A própria sociedade agora exigia finalmente que a mulher saísse de seu isolamento finalmente, sendo concedido à figura feminina o direito e a permissão para sair às ruas.

A personagem Aurélia criada por Alencar ilustra bem essa nova situação em que se retrata a mulher. O escritor cria, assim, um novo perfil feminino para a sociedade, pois Aurélia representa uma mulher rica, independente e livre que desfilava pelos grandes salões cariocas, vejamos:

Na sala, cercada de adoradores, no meio das esplêndidas reverberações de sua beleza, Aurélia bem longe de inebriar-se da adoração produzida por sua formosura, e do culto que lhe rendiam. (ALENCAR, 2004, p. 2).

Aurélia Camargo era considerada como a Deusa dos grandes bailes e sua beleza arrancava suspiros. Ela participava desses bailes e era motivo de cobiça de muitos homens.

Como vemos, a figura da mulher foi desenvolvendo-se, ganhando um pouco mais de liberdade e pouco a pouco alguns raios liberdade foram sendo conquistados diante de muitas batalhas travadas por elas.

Podemos ver que Aurélia tinha o traço da mulher do século XXI, livre, decidida, independente e que lutava incansavelmente por seu lugar na sociedade daquela época. A personagem é vista como o oposto das mulheres da época, esse perfil

feminino Alencariano apresentou grande expressividade: por ser forte, destacava-se entre toda a sociedade.

Aurélia Camargo com certeza configura-se como um modelo de mulher totalmente oposto as grandes damas da sociedade carioca do século XIX.

Era considerada a grande dama dos salões, mas uma dama a frente de seu tempo, uma mulher com um perfil diferente que em nada se comparava as outras mulheres da nossa literatura. Possuía sua independência, sua inteligência, sua forma de planejar a vingança contra Fernando Seixas, que seria seu objeto de maior desejo e mais tarde Marido.

2.1 DETALHANDO O ENREDO DO ROMANCE *SENHORA*

Senhora foi publicado em 1875 e é um dos últimos romances de Alencar. O romance divide-se em quatro partes, que correspondem às etapas de uma transação comercial: O Preço, Quitação, Posse e Resgate.

Tem como protagonista Aurélia Camargo fruto do amor e da união entre o filho de um fazendeiro e uma órfã que vivia na pobreza. Seu pai, Pedro Camargo, era o filho do fazendeiro Lourenço Camargo, Lemos, tio de Aurélia e futuro tutor e administrador de seus bens, que jamais foi bobo, soube do romance entre sua irmã e Pedro, aproveitou-se e cobrou do moço um documento que legitimasse sua condição de herdeiro para assim casar-se com Emília.

Diante da não aceitação do pai ele voltou para a fazenda e teve que esconder seu casamento, vivendo longe da mulher para não acabar perdendo tudo. Após um ano de separação, Pedro volta ao rio e conhece seu primeiro filho, Emílio, com pouco tempo depois nasce Aurélia.

Aurélia desperta paixões por sua beleza e é cobiçada por dois rapazes da sociedade: Eduardo Abreu e Fernando Seixas. Aurélia e Fernando apaixonam-se; ele a pede em casamento ficam noivos, mas a felicidade para a jovem dura pouco.

Fernando Seixas, o amado de Aurélia, era um rapaz pobre, mas ambicioso, pois almejava ascender socialmente: namorado de Aurélia, senhorita humilde e órfã de pai que vivia a passar por problemas financeiros e devido à pobreza de Aurélia, mulher por quem ele era realmente apaixonado, Seixas aceita, por um dote de trinta contos de reis, a proposta de casamento com Adelaide Amaral.

O pai de Adelaide queria impedir a todo custo a união de Adelaide com Dr. Torquato Ribeiro, por quem sentia profunda antipatia. Diante disso Fernando termina o namoro com Aurélia para unir-se em matrimônio com Adelaide.

O destino foi generoso com Aurélia, que foi abandonada por Fernando por outra oferecer um dote mais elevado. A personagem recebe uma inesperada herança do avô paterno e torna-se uma das mais disputadas moças da sociedade carioca. Diante do fato do recebimento da herança, Aurélia decide vingar-se do seu amado “comprando-o”.

Dividida entre o amor e o orgulho ferido, ela dá ordens a seu tio Lemos de fazer seu contrato de casamento com Fernando por um dote de cem contos, o dote mais caro de toda a história do romance brasileiro. Vejamos como Aurélia dá ordens a seu tutor para “comprar” seu marido:

Esse moço que está justo com a Adelaide Amaral é o homem a quem eu escolhi para meu marido. Já se vê que, não podendo pertencer a duas, é necessário que eu o dispute. - Os termos da proposta devem ser estes; atenda bem. A família da tal moça misteriosa deseja casá-la com separação de bens, dando ao noivo a quantia de cem contos de réis de dote. Se não bastarem cem e ele exigir mais, será o dote de duzentos...”- Em todo o caso quero que o senhor compreenda bem o meu pensamento. Desejo, como é natural, obter o que pretendo, o mais barato possível; mas o essencial é obter; e portanto até metade do que possuo, não faço questão de preço. É a minha felicidade que vou comprar.” (ALENCAR, 2004, p. 15-16)

O contrato realizado trazia em si muitas cláusulas, uma dessas cláusulas exigia total desconhecimento da identidade da noiva por parte do contratado até pouco antes do casamento.

Na noite de núpcias do casal, Aurélia pôde finalizar seu plano, humilhando o marido comprado, impondo a ele regras de convivência, pois em casa seriam dois estranhos, mas para a sociedade seria um casal perfeito. Fernando, tomado pelo orgulho, aceita as determinações de Aurélia, mas jura para si que recuperará todo o dinheiro do dote para se ver livre das humilhações.

Eduardo, um dos admiradores de Aurélia, partiu para a Europa para tentar esquecê-la. Depois de casada com Fernando, a personagem fica sabendo que Eduardo estava na miséria e passou a ajudar o antigo admirador. Um certo dia, Fernando surpreende Aurélia e Eduardo conversando. Aurélia, por que não dava o

braço a torcer, tinha quase certeza que existia algo entre Fernando e Adelaide, pois encontrara um antigo presente da moça junto às coisas dele. As brigas por ciúme ficavam maiores, então Fernando comunica que quer a separação. Ele devolve a Aurélia os cem contos que recuperou economizando e tem sua liberdade de volta.

Aurélia se vê desesperada, durante onze anos fez Fernando passar por humilhações, mas nunca deixou de amá-lo. Ela suplica que seu amado a perdoe e que aceite seu amor: "-Aquele mulher que se humilhou aqui a tens abatida, no mesmo lugar onde ultrajou-te, nas iras de sua paixão. Aqui a tens implorando teu perdão e feliz porque te adora como o senhor de sua alma." (ALENCAR, 2004, p. 176). Fernando a toma pelos braços e a beija, mas movido pelo orgulho rejeita Aurélia, afirmando que todo o dinheiro dela havia separado o casal.

A personagem aos prantos mostra o seu testamento a Fernando, onde o nomeia único herdeiro de toda sua fortuna, Vejamos:

Ela despedaçou o lacre e deu a ler a Seixas o papel. Era efetivamente um testamento em que ela confessava o imenso amor que tinha ao marido e o instituía seu universal herdeiro.- Eu o escrevi logo depois do nosso casamento; pensei que morresse naquela noite, disse Aurélia com gesto sublime. Seixas contemplava-a com os olhos rasos de lágrimas. - Esta riqueza causa-te horror? Pois faz-me viver, meu Fernando. É o meio de a repelires. Se não for o bastante eu a dissiparei." (ALENCAR, 2004, p. 176).

Aurélia amava Fernando acima de tudo e largou o orgulho para viver seu amor e realizar-se como mulher: o romance termina com a confissão de amor e o pedido de perdão por parte de Aurélia a Fernando Seixas e "as cortinas cerraram-se, e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal." (ALENCAR, 2004, p. 176).

3 O PERFIL FEMININO DE ALENCAR: ANALISANDO AURÉLIA

Candido (1987) em seu estudo sobre a personagem, afirma que o romance se constitui de três elementos: enredo, personagens e ideias; mas é a personagem que possibilita a aproximação do leitor com a obra, é o elemento mais vivo no romance. Para o autor, a personagem é a concretização de um ser fictício.

A palavra personagem deriva do vocábulo *Persona*, que significa “Máscara”, fazendo referência aos personagens do teatro que costumavam usar máscaras para representar seus papéis.

Candido (1987, p.55) afirma que personagem “é um ser não real”, expressão que, segundo ele,

soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre esse paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lidima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.

Pode-se afirmar que personagens são os seres mais atuantes e presentes dentro de uma obra, os quais acabam sempre se adequando à temática e ao contexto social, pois dão vida ao romance e trazem realidade ao mesmo.

Ainda segundo Candido (1987) O autor do romance é responsável pela manipulação da realidade, fazendo nascer personagens de figuras vivas, através da reprodução de elementos circunstanciais, em um mundo ficcional que tem suas próprias leis.

O primeiro ponto a ser destacado é que nas narrativas, o personagem pode representar uma pessoa com características reais ou imaginárias. Sendo a caráter do autor criar através da escrita personagens cheios de visão de mundo. O escritor acaba criando personagens mais próximos da realidade, onde chega-se a confundir se aquele personagem é realmente fictício, pois se torna tão real dentro da própria obra.

Diante disso Brait (1999, p.31), diz que:

A representação literária de uma pessoa, logo uma criação, não é uma reprodução da realidade. Portanto, a personagem está para a ficção

(ser ficcional) assim como a pessoa está para a realidade (ser real), donde advém seu caráter não verdadeiro, mas verossímil.

O personagem não existe fora do papel, ele é resultado de uma minuciosa construção linguística. Beth Brait (1999, p.53) destaca a importância do trabalho linguístico quando diz que “a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis os seus movimentos”, segundo a importância do personagem ele pode ser principal ou secundário.

O personagem principal de uma narrativa é chamado de protagonista, e dependendo do autor e do seu estilo de época pode ser apresentado de maneira idealizada. Quanto a este aspecto, podemos afirmar que a obra em estudo se enquadra, pois José de Alencar apresenta suas mulheres de forma idealizada, Aurélia é comparada a uma rainha: “*régia fronte, coroada de diadema de cabelos castanhos, de formosas espáduas*”: Aurélia, nossa protagonista, demanda uma importância enorme no enredo de *Senhora*, uma vez que é em torno dela que toda a obra se desenvolve.

Os personagens podem representar um ser particular, um ser complexo, que representam também um determinado tipo humano cheio de características sociais, econômicas e principalmente comportamentais. Diante disso Candido (1987, p 58) afirma que:

“A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo-de-ser das pessoas”

Vemos que a personagem é responsável por todo o desenrolar da obra, pois é a partir dos personagens que a obra se constitui, não existindo enredo sem personagem, nem muito menos personagem sem enredo. (CANDIDO, 1987, p.51)

Todo personagem de uma ficção literária ganha dentro da obra princípios, vontades, sua identidade, personalidade, qualidades, defeitos e diversos fatores que a conceituam e constituem esse personagem, conforme identifica Candido, que afirma:

Esta impressão se acentua quando investigamos os, por assim dizer, fragmentos de ser, que nos são dados por uma conversa, um ato, uma sequência de atos, uma afirmação e uma informação. Cada um

desse fragmentos, mesmo considerado um todo, uma unidade total, não é uno, nem contínuo. Ele permite um conhecimento mais ou menos adequado ao estabelecimento da nossa conduta, com base num juízo sobre o outro ser; permite, mesmo, numa noção conjunta e coerente deste ser; mas essa noção é oscilante, aproximativa, descontínua. Os seres são, por sua natureza, misteriosos, inesperados. Daí, a psicologia moderna ter ampliado e as noções de subconsciente e inconsciente, que explicariam o que há de insólito nas pessoas que reputamos conhecer, e, no entanto nos surpreendemos, como se outra pessoa entrasse nelas, invadindo inesperadamente a sua área de essência e existência. (CANDIDO, 1987, p.59)

Vale lembrar que é através da ligação entre enredo e personagem que são mostradas as intenções do romance. Pensando nisso, as personagens podem ser enquadradas como planas ou estáticas; evolutivas ou esféricas. De acordo com Candido (1968), as planas são aquelas que não apresentam mudanças com as circunstâncias, ou seja, são lineares e não apresentam variações diante do enredo, suas qualidades permanecem as mesmas do início ao fim da obra, facilmente identificadas; Já as esféricas ou evolutivas são personagens complexas, com capacidade de surpreender o leitor que acompanha a obra, são personagens de extrema inconstância, pois elas evoluem ao longo da narrativa, ou seja, estão em mudanças constantes de comportamento e temperamento (CANDIDO, 2000).

Quanto a esta categoria de personagem, Candido (1968) ainda afirma que:

A força que vem das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é Maximo; graças aos recursos de caracterização o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós aprendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ente a nossa imaginação. Portanto, a compreensão que nos vem do romance, sendo estabelecida de uma vez por toda, é muito mais precisa do que a que nos vem da existência. Dai podermos dizer que a personagem é mais lógica, embora não mais simples, do que o ser vivo. (CANDIDO, 1968, p.59)

Levando em consideração as afirmações de Candido sobre esse elemento que estrutura a narrativa – a personagem, podemos classificar Aurélia como uma personagem esférica, pois ela é apresentada como uma mulher que é inconstante e nos surpreende a todo instante, além de se caracterizar também como uma personagem contraditória: apresenta-se com comportamentos confusos, ora é doce

e amável, ora ferina e diabólica, movida pelo amor e pelo ódio, pelo orgulho e pela vontade de ser feliz e entregar-se ao amor.

Aurélia constitui-se como uma personagem cheia de virtudes e princípios, uma das mais fortes personagens de José de Alencar. Personagem de extrema beleza, e por muitas vezes contraditória, uma ora bondosa, outra cruel com seu marido, uma ora delicada e angelical, outra rígida e orgulhosa, amava e odiava seu marido Fernando Seixas.

Como já vimos, a obra se passa em meio à sociedade carioca onde o choque de interesse econômico era colocado de forma muito fortes e temáticas como o casamento por interesse, o jogo de amor e dinheiro eram vistos a todo o momento.

Aurélia, até então uma moça pobre, apaixonada por um homem que a troca por outra, esse homem é Fernando Seixas. Com a morte de seu avô paterno e de sua mãe, Aurélia é constituída herdeira majoritária e para vingar-se compra um marido para si.

Aurélia é uma “Senhora” educada e fina mesmo quando pobre era elegante e de bons modos e tinha para si a ideia do casamento, algo inalcançável, pois não possuía, dote, era pobre “Casamento e mortalha no céu se talham minha mãe, respondia a menina rindo-se para encobrir o rubor.” (ALENCAR, 2004, p.83)

Aurélia sonhava com o amor verdadeiro e isso ela só encontrou em Fernando Seixas, mesmo ele tendo-a decepcionado. Aurélia é uma mulher guerreira e forte. Sempre conduziu sua família e cuidou com carinho de seus entes queridos até a morte de cada um.

Sua força se evidencia no momento de seu abandono, como podemos observar no fragmento que segue:

Aurélia passara agora as noites solitárias. Raras vezes aparecia Fernando, que arranjava uma desculpa qualquer para justificar sua ausência. A menina que não pensava em interrogá-lo, também não contestava esses fúteis inventos. Ao contrário buscava afastar da conversa o tema desagradável. Conhecia a moça que lhe retirava seu amor; mas a altivez de coração não lhe consentia queixar-se. [...] Pensava ela que não tinha nenhum direito a ser amada por Seixas; pois a afeição que lhe tivesse, muita ou pouca era graça que dele recebia[...] a promessa que o aflige, o senhor pode retirá-la tão espontaneamente como a fez. Nunca lhe pedi, nem mesmo simples indulgência, para esta afeição; não lha pedirei neste momento em que ela o importuna. (ALENCAR, 2004. p.98)

Veja que Aurélia se coloca na posição de desmerecimento desse amor por não ter nada a oferecer a Fernando além de seu sentimento. Depois de ser abandonada por seu amado, dentro de poucos dias ela recebe a notícia de que herdará todos os bens de seu avô paterno: Pedro Camargo a reconheceu como sua neta e a nomeou herdeira universal.

O papel continha o testamento em que Lourenço de Sousa Camargo reconhecia e legitimava como seu filho a Pedro Camargo, que fora casado com D. Emília Lemos; declarando que a sua neta, D. Aurélia Camargo nascida de um legítimo matrimônio, a instituía sua única e universal herdeira. (ALENCAR, 2004, p.105)

Mesmo diante da morte de seu avô e de sua mãe, nossa personagem reúne forças para seguir em frente, passa seis meses longe de toda sociedade ao lado de sua tia Dona Firmina e após esse período volta triunfante e deixando todos deslumbrados por sua imensurável beleza.

Tornou-se a deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade. Era rica e formosa. [...] Tinha dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade [...] Aurélia era órfã tinha em companhia uma velha parenta, viúva, D. Firmina Mascarenhas, que sempre a acompanhava na sociedade...[Aurélia] tinha o firme propósito de governar a sua casa e dirigir suas ações como entendesse....com sagacidade admirável em sua idade. Aurélia era uma moça espirituosa. (ALENCAR, 2004, p. 18-19)

Aurélia passa por mudanças radicais, agora é uma mulher ainda mais forte, de grande altivez, fria, sarcástica e irônica. Nessa nova condição de riqueza Aurélia podia escolher o noivo que bem quisesse, poderia pagar o dote que quisesse, e pagou um dote altíssimo considerado o maior dote da literatura brasileira.

Diante disso Carla Festinalli Rodrigues (2010), afirma que:

No romance *Senhora*, a temática principal é o casamento por interesse e uma clara crítica ao modelo de relações comerciais e familiares vigente. A protagonista Aurélia, ao conseguir uma posição financeira e social, mostra-se mais forte e independente frente aos paradigmas sociais ao escolher o seu marido e pagar o maior dote para consegui-lo.

Aurélia podia conseguir o marido que quisesse, mas levada pelo ódio e pelo amor escolhe Fernando, que até então estava comprometido com Adelaide. Aurélia

exige de seu tutor que arranje esse casamento e pague o que for necessário. Fernando aceitou o contrato de casamento sem mesmo saber quem era sua noiva e espantasse ao saber que Aurélia era sua futura esposa.

O Lemos vendo entrar sua pupila foi-lhe ao encontro e acompanhou-a até o sofá: -Aurélia, tenho a honra de apresentar-lhe o Sr.Seixas. A moça respondeu com leve inclinação da fronte à cortesia de Seixas, a quem estendeu a mão, que apenas tocou.Ainda neste momento o moço não conseguiu de si fitar a pessoa que tinha em face. Esse rosto desconhecido incutia-lhe indizível pavor: porque era a fisionomia de sua humilhação. (ALENCAR, 2004, p.60)

Poucos dias depois o jovem casal se une em matrimônio, e para um número seleta de convidados escolhidos a dedo por Aurélia foi celebrada a união. Ao fim da cerimônia e comemoração o casal encontra-se sozinho. Vejamos:

A formosa moça trocara seu vestuário de noiva por esse outro que bem se podia chamar de traje de esposa, pois os suaves emblemas da pureza imaculada, de que a virgem se reveste quando caminha para o altar, já se desfolhavam como pétalas da flor no outono, deixando entrever as castas primícias do santo amor conjugal.Dirigiu-se a porta, onde pouco antes escutara; deu a volta à chave, e afastou-se uma das bandas. Pouco depois Seixas roçagou a cortina e cingindo o talhe de sua mulher, foi sentá-la em uma de suas cadeiras. (ALENCAR, 2004. p75)

Aurélia estava belíssima, deixando Fernando ainda mais apaixonado. E durante esse momento declara todo seu amor por Aurélia e é logo pego de surpresa por nossa complexa personagem que revela a seu marido que ele foi comprado por ela para poder vingar-se de seu desprezo e por tê-la trocado por Adelaide Amaral por um dote de 30 contos de réis.

Representamos uma comédia na qual ambos desempenhamos o nosso papel com perícia consumada. Podemos ter esse orgulho, que os melhores autores não nos excederiam. Mas é o tempo de por termo a esta cruel mistificação, com que nós estamos escarnecendo mutuamente, senhor. Entremos na realidade por mais triste que ela seja; e resigne-se cada um ao que é, eu a uma mulher traída; o senhor, um homem vendido.

[...] Penetrado da impossibilidade de retribuir o ultraje à senhora a quem havia amado, escutava imóvel, cogitando no que lhe cumpria fazer; se matá-la a ela, matar-se a si, ou matar a ambos. (ALENCAR, 2004, p.75)

A personagem toma uma posição diferente de todas as outras mulheres, humilha seu marido e o coloca na condição de objeto comprado e que pertence a mesma. Aurélia assume o papel de mulher traída e fria e deixa toda aquela senhorita doce e amável de lado, quando perto de Fernando, sua personalidade oscila entre o bem e mal nesse momento, entre o amor e o ódio. Os atos e os pensamentos de Aurélia são muito confusos e profundos em sua composição, o que nos possibilita dizer que ela se aproxima do que Candido classifica como uma personagem esférica, conforme já mencionado.

Durante muitos anos Aurélia maltratou Fernando com sua frieza e distância, mesmo amando-o jamais deu seu braço a torcer até o dia em que Fernando quita sua dívida com a protagonista e pede a separação. Percebe-se então que Aurélia muda totalmente de atitude, pois não quer perder seu amado. Vejamos:

-Pois bem, agora ajoelho-me a teus pés, Fernando, e suplico-te que aceites meu amor, este amor que nunca deixou de ser teu, ainda quando mais cruelmente ofendia-te. [...] -Aquela que te humilhou aqui a tens abatida, no mesmo lugar onde ultrajou-te, nas iras de tua paixão. Aqui a tens implorando teu perdão e feliz porque te adora, como o senhor de tua alma. Seixas ergueu nos braços a formosa mulher, que ajoelhara a seus pés; os lábios de ambos se uniam já em fervido beijo... [...] As cortinas cerraram-se e as auras da noite, acariciando o seio das flores, cantavam o hino misterioso do santo amor conjugal. (ALENCAR, 2004, p. 214)

No fim da estória Aurélia volta a ser uma personagem doce e amável como a moça angelical do início da obra. Ela rompe todo o orgulho e frieza e se apropria de certos comportamentos que conduzem o seu destino para o caminho da felicidade. No final amor vence. A moral de Fernando e Aurélia é restaurada ao final do romance e diante disso Maria Ângela D’Incao (1989, p. 234), afirma que:

As pessoas que amam aparecem nos Romances como possuidoras de uma força capaz de recuperar o caráter moral perdido, como no caso de Seixas no romance *Senhora* de José de Alencar. O amor é sempre vitorioso: Aurélia, em *Senhora*, vence porque tinha um bom motivo: o amor. O amor nos romances vence, sobretudo o interesse econômico no casamento. No mundo dos livros, os heróis sempre amam.

Mesmo diante da concretização desse amor, consideramos Aurélia como uma personagem a frente de seu tempo, através da qual Alencar estreita laços entre personagem e autor e rompe com todos os limites da ficção para dar verossimilhança e veracidade ao enredo de sua obra.

Aurélia busca amadurecimento como mulher e mesmo diante da crítica social feita ao casamento por interesse e pela temática da ascensão através do dinheiro é possível perceber as mudanças comportamentais, emocionais e psicológicas causadas por essa crítica no enredo e isso a faz buscar sua identidade como mulher.

Para Giddens (2002), essa inconstância se dá pela busca da identidade da personagem, uma vez que toda a situação passada por Aurélia proporciona o amadurecimento da mesma. As dores, decepções, tristezas e abandono de seu pai e de Fernando, a riqueza repentina exerceram na vida do indivíduo, ou seja, de Aurélia, o crescimento emocional e psicológico. A dor pode tornar-se uma excelente professora, enquanto a alegria nem sempre gera o amadurecimento. Tudo o que foi passado por Aurélia tirou-lhe a ingenuidade de menina e lhe deu uma maturidade de mulher.

Esse jogo inconstante de amor, ódio, desejo e orgulho martirizavam o coração de Aurélia. Sua indecisão misturada com orgulho e amor maltratava Fernando e ao mesmo tempo maltratava Aurélia, ambos sofriam com a situação, pois vingar-se de Fernando a fazia sofrer também. E mesmo vivendo em meio a infelicidade, Aurélia não abria mão de seu casamento, pois queria ver o declínio e o esmagamento de Fernando diante da “Senhora” Aurélia Camargo. Mesmo amando-o, ela queria ver o sofrimento e o arrependimento de seu marido e viu esse arrependimento que fez o casal enfim viver seu amor em paz.

Segundo Coutinho (2005), Alencar descreveu na obra *Senhora* um Jogo de hipocrisia no matrimônio de Aurélia e Fernando que se apresentam à sociedade como um casal cheio de amor e de cumplicidade. Fernando é posto por Aurélia como uma mercadoria que ela faz uso quando quiser e ele se coloca como um serviçal que apenas obedece, mas isso foi deixado de lado para enfim concretizarem seu santo amor conjugal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho procurou-se mostrar o processo de construção de uma personagem no contexto romântico e ao mesmo tempo de transição, nas obras de Alencar, especificamente trabalhando com a personagem Aurélia Camargo, da obra *Senhora*, publicada pela primeira vez em 1875.

A análise se dá pela busca dos mecanismos e fatores colaboradores para a construção da personagem principal, Aurélia Camargo, a análise dos dados é embasada em fragmentos do texto e afirmações de muitos críticos da literatura brasileira.

Percebe-se uma personagem extremamente complexa, tendo suas características inovadoras, e muitas vezes descontextualizadas e ambíguas para época que vivia. A busca pela identificação do perfil feminino na obra *Senhora* nos permitiu verificar que Aurélia Camargo se destaca como uma mulher elegante, fina, decidida, inteligente, bela e marcante. Uma mulher ágil em suas inúmeras ações, demonstrando emoções e sentimentos que chegavam a confundi-la, razão pela qual ela pode ser definida como uma personagem complexa.

Sobretudo em *Senhora*, percebe-se o esforço em se criar, um par perfeito entre enredo e personagem, pois o enredo mostra-se habilidoso e equilibrado, já as personagens são bem construídas, de traçado rigoroso e fundadas numa constituição psicológica adequada aos propósitos artísticos de Alencar.

O romance também traz âmbitos psicológicos que já foram assinalados durante todo o trabalho. Aurélia faz a trama passada em *Senhora* ganhar vida fazendo da obra um romance esteticamente bem acabado e bem escrito.

É no jogo de ambiguidades que a figura da personagem é constituída, de um lado, pelo fulgor Altivo, percebida pela sociedade como mulher fatal, tomada por um instinto de vingança; e, de outro lado, definida como uma mulher sublime e admirada como um anjo, que se afirma uma personagem que pode ser ambigualmente caracterizada, nas palavras do próprio Alencar, como uma feiticeira menina.

Alencar, ao criar Aurélia, procurou aproximá-la o mais perto possível da realidade, encobrando-a cada vez mais de características humanas. O autor, deu vida e proporcionou que sentisse os mais diversos sentimentos: amor, raiva, ódio, paixão e todas as sensações boas e ruins próprias dos seres humanos. Alencar fez de

Aurélia, enquanto personagem de um romance, Um ser pensante, ousado, complexamente esférico, tal qual o ser humano.

A figura feminina de Aurélia criada por José de Alencar apresenta um ato de “protesto” diante da evolução no que se refere ao crescimento da mulher em suas escolhas frente à sociedade machista e moralista do século XIX. Sendo assim, podemos afirmar que ela é um personagem a frente de seu tempo e certamente pode encantar e despertar o interesse de qualquer público leitor.

Tudo isso faz com que Alencar, além de desempenhar papel relevante no amadurecimento estético de nossa expressão artística brasileira, ocupe um lugar de maior destaque no processo de amadurecimento da literatura nacional, contribuindo sobre o crescimento de uma consciência cultural autônoma e dando à Literatura Brasileira um lastro identitário mais consistente.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, José de. **Senhora**, São Paulo: Martin Claret, 2004.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**, 33ª edição, São Paulo: Cultrix, 1994

BRAIT, B. **A Personagem**. São Paulo, Ática, 1999.

BRENES, A. C. **História da parturição no Brasil, século XIX**. Cad. Saúde Pública .1991, vol.7.

CANDIDO, A; et al. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CÂNDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. São Paulo: Martins, 1969, v. 2.

_____. **Formação da Literatura Brasileira**, 4ª Edição, São Paulo, Martins, 1971. 2 v.

_____. **Noções de análise histórico-literária**— São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

COUTINHO, A. **A Literatura no Brasil**. 5ª Ed., São Paulo: Global, 1999.

_____. **A literatura no Brasil: era romântica**. 6 ed. São Paulo: Global, 2002. v. 3.

_____. **Crítica e Teoria Literária**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará/PROED, 1987.

DEL PRIORE, M. (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

D'INCAO, M. (org.). **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.

GIDDENS, A. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Editora Unespe, 1991.

RODRIGUES, C. F. **Mulheres alencarianas**: considerações sobre o perfil da mulher do século XIX a partir da perspectiva literária em “Lucíola” e “Senhora”. *Revista Ideias*, Minas Gerais, n. 26 – Jul/Dez 2010.